

# LITERATURA E EXÍLIO

Roberto Bolaño

Tradução de Guilherme Freitas

Fui convidado para falar do exílio. O convite estava escrito em inglês e não sei falar inglês. Houve uma época em que sabia, ou acreditava saber, em todo caso houve uma época, quando eu era adolescente, em que acreditava poder ler inglês tão bem, ou tão mal, quanto espanhol. Essa época, infelizmente, já passou. Não sei ler inglês. Pelo que pude entender da carta, acredito que devo falar sobre exílio. Literatura e exílio. Mas é possível que esteja absolutamente enganado, o que, pensando bem, seria no fim das contas uma vantagem, pois não acredito no exílio, não acredito no exílio sobretudo quando essa palavra está ao lado da palavra literatura.

Convém dizer desde já que é um prazer estar com vocês aqui na renomada e famosa Viena. Para mim Viena tem muito a ver com literatura e com a vida de algumas pessoas muito queridas que entenderam o exílio como às vezes eu mesmo o entendo, isto é, como vida ou atitude perante a vida. Em 1978, ou talvez 1979, o poeta mexicano Mario Santiago, vindo de Israel, passou uns dias nesta cidade. Segundo ele mesmo me contou, um dia a polícia o deteve e logo ele foi expulso. A ordem de expulsão determinava que ele não poderia voltar à Áustria até 1984, data que lhe parecia significativa e divertida, e assim me parece hoje também. George Orwell é não só um dos grandes escritores do século XX como também, acima de tudo e principalmente, um homem valente e bom. Então para Mario, naquele ano já um tanto distante de 1978 ou 1979, foi divertido que o expulsassem da Áustria com essa recomendação, como se a Áustria o tivesse condenado a não pisar solo austríaco até que se passassem seis anos e chegasse a data do romance, data que para muitos foi símbolo da ignomínia e das trevas e da derrota moral do ser humano. E aqui, deixando de lado o simbolismo da data, as mensagens ocultas que o acaso ou esse monstro ainda mais selvagem que é a causalidade enviava ao poeta mexicano, e por intermédio deste a mim, podemos falar ou retomar o possível discurso do exílio ou do desterro: o Ministério do Interior austríaco ou a polícia austríaca ou a Previdência austríaca emite uma ordem de expulsão e mediante essa ordem

---

\* “Literatura e exílio” foi lido por Roberto Bolaño em Viena, em 3 de abril de 2000, no simpósio “Europa e América Latina: literatura, migração e identidade”, organizado pela Sociedade Austríaca para a Literatura. Esta tradução parte da versão incluída na coletânea de ensaios *Entre paréntesis*, publicada pela Anagrama em 2004, um ano depois da morte do escritor, e ainda inédita em português.

manda meu amigo Mario Santiago para o limbo, para a terra de ninguém, o que em inglês se chama *no man's land*, que francamente fica melhor em espanhol, pois em espanhol *tierra de nadie* significa exatamente isso, terra erma, terra morta, terra onde não há nada, enquanto em inglês deduz-se que só não há homens, mas animais ou bichos de estimação ou insetos sim, o que a torna mais agradável que a acepção espanhola, embora provavelmente minha percepção de ambos os termos seja condicionada por minha ignorância progressiva do inglês e inclusive por minha ignorância progressiva do espanhol (o dicionário da Real Academia Espanhola não registra o termo *tierra de nadie*, o que não é de se estranhar, ou não procurei direito).

Mas o fato é que expulsam meu amigo mexicano e o colocam na terra de ninguém. Vejo a cena assim: uns funcionários austríacos carimbam o passaporte de Mario com o sinal indelével de que não pode pisar solo austríaco até a data fatídica de Orwell e logo o metem num trem e o despacham, com uma passagem grátis paga pelo Estado austríaco, rumo ao desterro temporal ou a um exílio certo de cinco anos, ao cabo dos quais meu amigo poderia, se assim o desejasse, pedir um visto e voltar a pisar nas belas ruas de Viena. Se Mario Santiago fosse fanático pelos festivais musicais de Salzburgo, sem dúvida teria partido da Áustria com lágrimas nos olhos. Mas Mario nunca foi a Salzburgo. Subiu no trem e não desceu até Paris, e depois de viver por uns meses em Paris pegou um avião para o México, e quando chegou a data fatídica ou festiva, depende, de 1984, Mario continuou a viver no México e a escrever no México poemas que ninguém queria publicar e que possivelmente estão entre os melhores da poesia mexicana de finais do século XX, e teve acidentes e viajou e se apaixonou e teve filhos e viveu uma vida boa ou má, uma vida de qualquer modo às margens do poder mexicano, e em 1998 um automóvel o atropelou em circunstâncias obscuras, um veículo que fugiu enquanto Mario morria, abandonado e só em uma rua noturna de um bairro da periferia da Cidade do México, uma cidade que em algum momento de sua história se assemelhou ao paraíso e hoje se assemelha ao inferno, mas não um inferno qualquer e sim o inferno especial dos irmãos Marx, o inferno de Guy Debord, o inferno de Sam Peckinpah, isto é, um inferno singular em grau extremo, e ali morreu Mario como morrem os poetas, submerso na inconsciência e sem documentos, motivo pelo qual quando uma ambulância chegou para buscar seu corpo dilacerado ninguém sabia quem era, e o cadáver passou vários dias no necrotério sem parentes que o reclamassem, em uma espécie de revelação final, uma espécie de epifania negativa, quero dizer, como o negativo fotográfico de uma epifania, que é também a crônica cotidiana de nossos países. E entre as muitas coisas que ficaram inconclusas, uma delas foi o regresso a Viena, o regresso à Áustria, esta Áustria que para mim, folgo em dizê-lo, não é a Áustria de Haider e sim a Áustria dos jovens que estão contra Haider e que saem às ruas e tornam isso público, a Áustria de Mario Santiago, poeta mexicano expulso da Áustria em 1978 e impossibilitado de voltar à

Áustria até 1984, ou seja, desterrado da Áustria para a *no man's land* do vasto mundo e para quem, aliás, Áustria e México e Estados Unidos e a felizmente extinta União Soviética e Chile e China pouco importavam, porque ele não acreditava em países e as únicas fronteiras que respeitava eram as fronteiras dos sonhos, as fronteiras trêmulas do amor e do desamor, as fronteiras da bravura e do medo, as fronteiras douradas da ética.

E com isso tenho a impressão de ter dito tudo o que tinha a dizer sobre literatura e exílio ou sobre literatura e desterro, mas a carta que recebi, que era longa e prolixa, enfatizava em especial que eu devia falar por 20 minutos, algo pelo qual com certeza vocês não me agradecerão e que para mim pode se converter em um suplício, sobretudo porque não estou seguro de ter traduzido corretamente essa missiva endiabrada e também porque sempre acreditei que os melhores discursos são os discursos breves. Literatura e exílio são, creio, duas faces da mesma moeda, nosso destino posto nas mãos do acaso. “Sem sair de minha casa conheço o mundo”, diz o *Tao Te King* e, da mesma forma, ainda que não se saia da própria casa o exílio e o desterro se fazem presentes desde o primeiro momento. A literatura de Kafka, a mais esclarecedora e terrível (e também a mais humilde) do século XX, demonstra isso plenamente. Pelos ares da Europa soa uma cantilena, a cantilena da dor dos exilados, música feita de queixas e lamentos e uma nostalgia dificilmente inteligível. É possível sentir saudades da pobreza, da intolerância, da prepotência, da injustiça? A cantilena, entoada por latino-americanos e também por escritores de outras regiões depauperadas ou traumatizadas, insiste na nostalgia, no regresso ao país natal, e para mim isso sempre me soou como mentira. A única pátria do escritor de verdade é sua biblioteca, uma biblioteca que pode estar em estantes ou na memória. O político pode e deve sentir nostalgia, é difícil para um político prosperar no estrangeiro. O trabalhador não pode nem deve sentir nostalgia: suas mãos são sua pátria.

Quem entoava essa cantilena, então? Nas primeiras vezes em que a ouvi pensei que eram os masoquistas. Se você é um suíço preso em uma cadeia na Tailândia, é normal querer cumprir a sentença na Suíça. O contrário, ou seja, um tailandês preso na Suíça que deseja cumprir o resto da sentença na Tailândia, não é normal, a menos que essa nostalgia anormal seja ditada pela sociedade. A solidão é capaz de gerar desejos que não correspondem ao senso comum nem à realidade. Mas eu falava de escritores, ou seja, falava de mim, e aí sim posso dizer que minha pátria é meu filho e minha biblioteca. Uma biblioteca modesta que perdi em duas ocasiões, devido a dois traslados radicais e desastrosos, e que refiz com paciência. E chegando a este ponto, o ponto da biblioteca, não posso deixar de recordar um poema de Nicanor Parra, poema que cai como uma luva para falar de literatura, inclusive literatura chilena, e exílio ou desterro. O poema começa falando dos quatro grandes poetas

chilenos, uma discussão eminentemente chilena que o resto das pessoas, isto é, 99.99% dos críticos literários do planeta Terra, ignora com educação e um pouco de fastio. Há quem afirme que os quatro grandes poetas chilenos são Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Vicente Huidobro e Pablo de Rokha; outros, que são Pablo Neruda, Nicanor Parra, Vicente Huidobro e Gabriela Mistral; enfim, a ordem varia segundo os interlocutores, mas são sempre quatro cadeiras e cinco poetas, quando o mais lógico e o mais simples seria falar em cinco grandes poetas do Chile e não em quatro grandes poetas do Chile. Até que chegou o poema de Nicanor Parra, que diz assim:

Os quatro grandes poetas do Chile  
São três:  
Alonso de Ercilla e Rubén Darío

Como vocês sabem, Alonso de Ercilla foi um soldado espanhol, nobre e extravagante, que participou das guerras coloniais contra os araucanos e que, de volta a sua Castilla natal, escreveu *La Araucana*, que para os chilenos é o livro fundador de nosso país e para os amantes da poesia e da história é um livro magnífico, cheio de arrojo e cheio de generosidade. Rubén Darío, como vocês também sabem, e se não sabem não importa – é tanto o que todos ignoramos inclusive sobre nós mesmos –, foi o criador do modernismo e um dos poetas mais importantes da língua espanhola no século XX, provavelmente o mais importante, nascido na Nicarágua em 1867 e morto na Nicarágua em 1916, que chegou ao Chile no fim do século XIX e lá teve bons amigos e melhores leituras, mas lá também foi tratado como um índio ou como um negro por uma classe dominante chilena que sempre se vangloriou de pertencer 100% à raça branca. Então, quando Parra diz que os melhores poetas chilenos são Ercilla e Darío, que passaram pelo Chile e tiveram experiências fortes no Chile (Alonso de Ercilla na guerra e Darío nas escaramuças de salão) e escreveram no Chile ou sobre o Chile, na língua comum que é o espanhol, ele diz a verdade e não só resolve a já entediante questão dos quatro grandes como abre novas perguntas, novos caminhos, e além disso seu poema ou artefato, que é como Parra chama esses textos curtos, é uma versão ou diversão daqueles versos Huidobro que dizem assim:

Os quatro pontos cardeais  
São três  
O sul e o norte.

Os versos de Huidobro são muito bons e me agradam muito, são versos aéreos, como boa parte da poesia de Huidobro, mas a versão/diversão de Parra me agrada mais, é como um artefato explosivo posto ali para que nós chilenos abramos os olhos e deixemos de bobagens, é um poema que indaga na quarta dimensão, como pretendia Huidobro, mas em uma quarta dimensão da consciência cidadã, e ainda que à primeira vista pareça uma piada, e é uma piada, em um segundo olhar se revela como uma declaração dos direitos humanos. É um poema que, ao menos para os compungidos e atarefados chilenos, diz a verdade, ou seja, que nossos quatro grandes poetas são Ercilla e Darío, o primeiro morto em sua Castilla natal em 1594, depois de uma vida de viajante impenitente (foi pajem de Felipe II e viajou pela Europa e depois combateu no Chile sob ordens de Alderete e no Peru sob ordens de García Hurtado de Mendoza), o segundo morto em sua Nicarágua natal depois de viver praticamente toda a vida no estrangeiro, em 1916, dois anos depois da morte de Trakl, ocorrida em 1914.

E agora que mencionei Trakl, permitam-me uma digressão, pois me ocorre que quando ele abandona os estudos e vai trabalhar em uma farmácia como aprendiz, na terna mas já não inocente idade de 18 anos, também está optando – e optando de forma *natural* – pelo desterro, pois começar a trabalhar em uma farmácia aos 18 anos é uma forma de desterro, assim como o vício em drogas é outra forma de desterro, e o incesto mais outra, como bem sabiam os clássicos gregos. Enfim, temos Ruben Darío e temos Alonso de Ercilla, que são os quatro grandes poetas chilenos, e temos a primeira lição do poema de Parra, isto é, que não *temos* nem Darío nem Ercilla, que não podemos nos apropriar deles, só lê-los, o que já é bastante.

A segunda lição do poema de Parra é que o nacionalismo é nefasto e cai pelo próprio peso. Não sei se entendem a expressão *cair pelo próprio peso*; imaginem uma estátua feita de merda que desmancha lentamente no deserto: bem, isso é cair pelo próprio peso. E a terceira lição do poema de Parra é que provavelmente nossos dois melhores poetas, os dois melhores poetas chilenos, foram um espanhol e um nicaraguense que passaram por essas terras austrais, um como soldado e pessoa de grande curiosidade intelectual, outro como emigrante, como jovem sem dinheiro mas disposto a fazer seu nome, ambos sem qualquer intenção de ficar, ambos sem qualquer intenção de se converter no maior poeta chileno, apenas duas pessoas, dois viajantes. E com isso acredito ter deixado claro o que penso sobre literatura e exílio ou sobre literatura e desterro.

